

Sessão de despedida de Teresa Duere

Por Valdecir Pascoal, Conselheiro

Os ponteiros dos nossos relógios parecem correr mais depressa nos últimos dias.

É verdade que tudo está em constante transformação, já dizia Heráclito, com a sua metáfora do Rio Mutante: ninguém se banha no mesmo rio duas vezes, pois, na segunda vez, nem você nem o rio são mais os mesmos.

A plataforma das estações do nosso TCE continua testemunhando despedidas e encontros. Trens que vão, trens que chegam. É a vida, como disse o poeta. Há poucos dias, tivemos a despedida emocionada do Conselheiro Carlos Porto. Hoje, é a vez da Conselheira Teresa Duere.

Parece que foi ontem. Mas já se passaram 20 anos da chegada de Teresa Duere ao TCE. Teresa fez história, quebrou paradigmas, fez diferença. Na construção do nosso edifício institucional, ela reforçou alicerces, alargou a cumeeira, embelezou a fachada e construiu pontes.

Falar em Teresa Duere é falar da brava mulher pernambucana, descendente das guerreiras de Tejucupapo.

É falar em luta pela democracia e pela liberdade. É reforçar nossa repulsa à toda forma de totalitarismo, opressão e discriminação.

É aprender de uma vez por todas que lugar de mulher é onde ela quiser.

É falar de uma mulher que soube fazer as horas, sem esquecer, no entanto, das lições e da sabedoria sagrada do decantar do tempo. Há tempo para tudo, como nos ensina o Eclesiastes.

É lembrar da política carismática, do espírito de liderança e da atuação sempre transparente e franca.

Da gestora austera, em muitos momentos, “duere em quem duere”, mas, ao mesmo tempo, da ternura própria das Marias que caminham mirando conciliar justiça e razão.

É falar da Conselheira que soube equilibrar pedagogia, sensibilidade e firmeza em sua atuação como magistrada de contas. Um dos seus mantras preferidos: “Eu quero ver o resultado, a melhoria na vida dos cidadãos”.

Falar de Teresa é lembrar da sua família. Do seu saudoso pai, Pedro Dueire do Nascimento, comerciante e ex-deputado estadual. De sua mãe, dona Maria Carmelita Monteiro Dueire, hoje com 103 anos, morando com Teresa, e comprovando que, no ciclo natural da vida, os filhos se tornam pais de seus pais. Dos seus irmãos de todas as horas: Pedro e Fernando. É lembrar de sua maior inspiração: Dom Helder.

É lembrar dos amigos de uma vida inteira. Marcus Vilaça, Wema Dagma Schettini, Zezita Cavalcanti, Margarida Cantarelli, Vitória Gehlen, José Maria Burnes, Maria Lia Cavalcanti, Maria Celeste Flores da Cunha, Carmem e Zé Maria, Elvira Nogueira. José e Marly Sarney. Gustavo Krause, Marco Maciel, Roberto Magalhães, Jarbas Vasconcelos, Zé Mendonça.

Do alto astral, do otimismo, da mão estendida em muitas horas difíceis - daquelas em que precisamos de alguém pra ajudar na saída -, da mulher que compreende a condição humana.

Não há como falar de Teresa Duere e não entrar no mundo da cultura: das dicas de livros, filmes e séries, da boa prosa em viagens, nas mesas dos bares, do doce de leite presenteado, dos óculos fashion que minhas filhas sempre acharam o máximo.

Teresa é da praia e do sertão

É de São José dos Campos e do Rio de Janeiro

É do Chile e do México
É de Cupira e de Brasília
Cidadã do mundo
É Maria, Maria
É tango e é forró
É sanfona e bandoneon
É um dom, uma força, uma graça
Filha da “operação esperança”
É, antes de tudo, forte
Uma mulher que merece
Viver, amar, continuar lutando e sonhando
Afinal, ela tem a singular mania de ter fé na vida.

Obrigado por tudo, amiga e sempre conselheira, Teresa Duere.
Continue tocando em frente e compondo essa bela composição de vida.

Em fraternura!